

# Educação e cultura protestante na transição do século XIX: circulação de impressos e diálogos luso-brasileiros

Education and Protestant culture in the transition from the nineteenth century:  
circulation printed and dialogues Luso-Brazilian

José António AFONSO<sup>1</sup>  
Iranilson Buriti de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Maria Ines Sucupira STAMATTO<sup>3</sup>  
Sandra Cristina da SILVA<sup>4</sup>

## Resumo

Discute os impressos protestantes e sua relação com a Educação. Seu objetivo é refletir sobre a editoração e circulação desses impressos. Analisa as propostas editoriais em Portugal (Catálogo da *Livraria Evangélica*), sonda a participação feminina a partir da apropriação/difusão de um livro-texto *A Alegria da Casa*, de Sarah Kalley, editado no Brasil e em Portugal, questiona os modelos de comportamentos adequados – ou não – divulgados no jornal confessional brasileiro *Norte Evangélico*. Como opção metodológica, elegeu-se a Nova História Cultural e as categorias de análise cultura, civilização, educação e protestantismo. Compreende a cultura protestante luso-brasileira forjada e disseminada também pelos impressos.

**Palavras-chave:** Cultura protestante. Circulação de impressos. Educação feminina.

## Abstract

Discusses the printed Protestants and their relation to education. Our goal is to reflect on the publication and circulation of such printed. Examines the proposals editorial in Portugal (catalog of *Livraria Evangélica*), probe the participation of women from the appropriation / distribution of a text-book *A Alegria da Casa*, Sarah Kalley, published in Brazil and Portugal; questions the models appropriate behaviors - or not - published in the brasilian confessional newspaper *Norte Evangélico*. As a methodological choice, elected to New Cultural History and the categories of analysis culture, civilization, education and Protestantism. Understands the Luso-Brazilian Protestant culture forged and disseminated also by the printed matter.

**Keywords:** Protestant culture. Movement of printed. Female education.

- 
- 1 Doutor em Educação (Universidade do Minho, Braga, Portugal). Professor Auxiliar do Instituto de Educação e membro do Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho Rua da Universidade, Campos de Gualtar, Braga, Portugal - CEP 4710-057. Tel.: (351) 253 604 249. Email: jafonso@ie.uminho.pt. (Pesquisa não financiada).
  - 2 Pós-doutor em História das ciências e da saúde. Fundação Oswaldo Cruz, RJ. Professor da Universidade Federal de Campina Grande/PB-Brasil. Pesquisador e bolsista do CNPq. Grupo de pesquisa: História das práticas e saberes médicos. Avenida Aprígio Veloso, 882 – Bairro Universitário – Campina Grande-PB/Brasil - CEP 58429-900. Tel.: (55 83) 2101-1000. Email: iburiti@yahoo.com.br.
  - 3 Pós-doutora em Educação. Université du Québec à Montreal/Canadá. Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Campus Universitário, S/N Lagoa Nova - Natal, RN, Brasil. CEP 59080-670. Tel.: (55 84) 3342-2270. Email: <inescdd@digizap.com.br>.
  - 4 Mestre em Educação. Doutoranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN/Brasil. Professora de Educação Básica da Rede Estadual – Secretaria de Educação/Governo de Pernambuco. Av. Afonso Olindense, 1513, Várzea, Recife-PE, Brasil. CEP: 50.810-000 Tel.: (55 81) 3183.8200. Email: <sandra\_c\_silva@yahoo.com.br>. Bolsista CAPES. (Doutoramento Sanduiche-Processo CAPES 9020-11-0-Universidade do Minho-Braga, Portugal).

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 21	n. 47	p. 599-618	set./dez. 2012
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

## Introdução

Quando pensamos em educar, nos dias atuais, o *locus* mais frequente que virá à mente será, sem dúvida, o espaço/edifício escolar. Nos oitocentos não era diferente; no entanto, para além deste, devido a um conjunto de circunstâncias próprias, alguns grupos sociais, como os protestantes, fizeram uso da imprensa, especificamente, e dos impressos em geral.

Desde o século XVI, quando eclodiu no Norte da Europa a Reforma Protestante, houve uma peculiaridade que interessa mais de perto àqueles que investigam o fenômeno educativo: a relação com a palavra e esta impressa.

Estava no cerne da Reforma a questão da interpretação das Escrituras pelos fiéis, que não mais dependeriam da mediação que, até então, se dava por meio do sacerdote católico. Para tanto, os adeptos do novo movimento precisavam aprender a língua materna, sem a qual a interpretação dos escritos sagrados não seria possível. Desta forma, para que os fiéis pudessem ler em sua própria língua, era preciso ensinar-lhes, ao menos, os rudimentos da escrita e da leitura: emergem, então, as Escolas de Primeiras Letras, nos primórdios da atuação desse grupo social. Educar o povo era preciso, necessário e urgente. Surgem as traduções, iniciadas por Lutero e disseminadas por outros reformadores e prosélitos.

Nessa pesquisa, o enfoque será dado aos protestantes brasileiros e portugueses. Sabemos que o protestantismo herdado, recebido por nós entre os dois lados do Atlântico não era exatamente igual àquele do século XVI: o mundo mudara, os projetos sociais também. No entanto, algumas especificidades – para além dos pontos cruciais da Reforma – perduraram: o cuidado com a educação e o uso dos impressos.

Em uma análise sobre os impressos protestantes no Brasil – o que também foi verificado em Portugal – Vasconcelos (2010, p. 9) nos diz que “Desde os primórdios de sua atuação, os protestantes utilizam os impressos “[...] na difusão de sua crença e de suas ideias, como recurso pedagógico ou, ainda, nos embates com os grupos aos quais consideravam opositores.”

Se atentarmos ao panorama luso-brasileiro, no século XIX, poderemos considerar, inicialmente, a impossibilidade de forja de uma cultura impressa, face aos altos índices de analfabetismo que grassavam nas duas margens do Atlântico.

Todavia, é justamente nos Oitocentos que emergem redes de sociabilidades no contexto de movimentos sociais de matriz regeneradora, tanto em Portugal quanto no Brasil. Erguem-se escolas - ao lado das igrejas - e tipografias, nas mais diversas regiões, para disseminar a cultura protestante, eminentemente expressa no papel, na imprensa, nos impressos.

Organizam-se publicações de vários estilos, livros para adultos e crianças, novelas históricas, biografias, traduções, versões; circulam impressos nas duas margens, elo facilitado pela língua comum.

Para esta investigação, em Portugal foi analisado um projeto editorial que deu grande impulso à causa protestante: a *Livraria Evangélica* – vinculada desde sua fundação, em 1864, até 1913 à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Mesmo desvinculada, colaborou com esta até o encerramento de suas atividades na década de 1930. O catálogo da referida *Livraria* era variado, contando com folhetos evangélicos de apologética e controvérsia, novelas históricas e *ilustrações de grandes fatos da alma*, livros diversos – alguns dos quais foram primitivamente publicados no sistema de folhetim na imprensa protestante, cartões parietais, narrativas para crianças e jovens, testemunhos, obras de caráter histórico, etc.

Além destes, é preciso ressaltar que a *Livraria* também editava publicações abordando temas educativos, teológicos e de escotismo, como sinal evidente de um acompanhamento das necessidades diversas das comunidades evangélicas, ampliando, assim, seu público leitor.

Um caso singular de circulação de saberes e apropriação da cultura protestante ocorre com publicação do livro *A Alegria da Casa*, de Sarah Kalley, inicialmente no Brasil, em 1866, mas, posteriormente, também em Portugal, pela já citada *Livraria Evangélica*. Essa missionária protestante, que aportou no Brasil na segunda metade dos Oitocentos, contou com as experiências de escrita, leitura e docência para fins de evangelização e serviço de colportagem.

O casal Kalley – Sarah e Robert – já havia saído de Portugal, onde fizera um trabalho missionário pioneiro nas ilhas e de onde fugiram por motivos de perseguição religiosa. Faz-se necessário problematizar a vontade de saber e o desejo dessa educadora em fazer as letras desenharem no papel uma história possível para o gênero feminino, uma gramática inspirada em vários campos do conhecimento, dentre os quais o saber médico, o pedagógico, o sanitário, o arquitetônico, o familiar. São fios tecidos na intersecção de práticas religiosas protestantes, médicas e familiares, com circulação e apropriação nas duas margens do Atlântico.

Na perspectiva protestante, abrem-se possibilidades ao elemento feminino – seja numa participação efetiva, como no caso da publicação/distribuição/circulação do livro *A Alegria da Casa*, seja como redatoras, correspondentes, educadoras e gestoras das escolas protestantes.

Analisamos, por fim, os comportamentos tidos como adequados – ou não – para estas mulheres, na transição do século XIX para o XX, no tocante ao que lhes era permitido e negado, por meio da imprensa confessional brasileira, expressados no jornal *Norte Evangélico* (Órgão Evangélico Presbiteriano), editado em Garaunhus e em Recife/PE. Este periódico foi uma continuação de *O Século*

– editado a partir de 1893, em Natal, no atual estado do Rio Grande do Norte.

Alguns trabalhos anteriores sobre a temática abordada nesta pesquisa – nomeadamente o uso dos impressos e sua vinculação com a educação – foram consultados. Em Portugal, o tema já vem sendo discutido desde algum tempo. Mas, recentemente, ele tem se destacado em *Silva* (1995, 2005) e *Afonso, J. A.* (2009). No Brasil, ainda é um campo que carece de pesquisas, mas que conta com investigações amplas como as de Nascimento (2004, 2007, 2008). Também valem referência a *Silva* (2009), *Vasconcelos* (2010) e *Buriti* (2011).

Apoiamo-nos teórico-metodologicamente na nova história cultural, de onde podemos pensar categorias de análise como cultura, civilização, educação, protestantismo, lançando luz em documentos até então pouco trabalhos na história da educação: os impressos protestantes. O teórico que mais de perto nos assiste é Chartier (1990, 2007) e seus conceitos de leitura, circulação e apropriação. Dessa maneira, fazer uma leitura a partir de um pressuposto teórico-metodológico advindo da Nova História Cultural nos permite indagar, problematizar os modos de prescrever o feminino e o masculino, inseridos numa cultura protestante, balizada pelos impressos.

O *corpus* documental foi basicamente composto de impressos confessionais (livros, catálogos, jornais), consultados nas bibliotecas públicas do Porto, Gaia e Recife e em instituições denominacionais - nomeadamente os arquivos da Igreja do Mirante (Igreja Metodista) e da Igreja do Torne (Igreja Lusitana de confissão anglicana), em Portugal, e no Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife-PE, Brasil.

Neste trabalho, usamos as terminologias *protestantes*, *evangélicos* e *reformados* como sinônimos. Não entramos no mérito de discutir conceitualmente cada uma dessas expressões.

## Experiência de editoração protestante: o caso peculiar da *Livraria Evangélica*

Esteve no centro das preocupações reformadas a disponibilização da Palavra tida como excelsa e perene. Ser *um mensageiro de boas notícias*, um evangelista, especificamente, era o anseio de muitos daqueles que abraçaram essa nova face do cristianismo – ou, no dizer de alguns, a volta à essência dele. O estudo da Bíblia tornava-se, pois, necessário ao evangelista. No entanto, este não se constituía individualmente apenas: havia permuta e partilha de experiências e de saberes. Assim, forja-se uma cumplicidade tecida nas comunidades que se organizam, nas Igrejas que nascem, nas sociedades que emergem, e nas casas, onde em surdina, se juntam homens e mulheres para orar, ler e refletir a o livro sagrado.

Alguns defendiam, no início do século XX, que a *obra evangélica* em solo português começara nos primórdios dos Oitocentos, como podemos identificar no seguinte texto:

Há precisamente um século, no 1º de janeiro de 1811, o português Henrique Marinho advogou, junto à Sociedade Bíblica de Londres, a causa de seus compatriotas, conseguindo ver, nesse mesmo ano, publicada a primeira edição de propaganda do Novo Testamento de Figueredo. A propósito, O Mensageiro julga aventar, em primeira mão, a ideia da comemoração do 1º centenário da obra evangélica em Portugal. (O MENSAGEIRO, jan. 1911, n. 64, p. 5).

No entanto, é certo que a Bíblia começou a circular efetivamente e a democratizar-se a partir dos anos 50 de século XIX pela ação dos colportores, “[...] vendedores e divulgadores itinerantes da Bíblia e outra literatura religiosa. Geralmente leigos convertidos, deslocavam-se às comunidades a pé ou por meios de transporte disponíveis [...]” (AFONSO, 2009, p. 69, N.R). Em um país como Portugal, avesso a qualquer inovação, por aquela altura, a ação desses indivíduos foi um momento de profunda quebra e perturbação; mas também representou, em simultâneo, a inauguração de um tempo em que outro sentido para a vida se apresenta. Esta dinâmica estava intimamente ligada à fixação em território português da Sociedade Bíblica, responsável por inúmeras iniciativas editoriais e por prelos de inequívoca componente evangélica, marcando uma outra dimensão do trabalho de criação de uma identidade – e por que não dizer, uma cultura - evangélica.

Fazia parte dessa empreitada, circunscrever, no escrito, as silhuetas de uma tradição reformista, que, em muitos pontos da Europa e do Mundo, tinha alcançado êxitos inultrapassáveis (BAUBÉROT; MATHIEU, 2002), e que ia ganhando terreno em zona até então sede de hegemonia romanista. O escrito passa a ser visto como uma realidade da qual não se pode prescindir. “O livro é uma arma poderosíssima do progresso em tão alto grau, que nem o poder, a força e o tempo podem destruir o seu influxo decisivo” (DIAS, 1893, p. 51).

A aposta no livro reveste-se de uma dimensão acentuadamente afirmativa da identidade de um movimento que necessita conquistar interlocutores – leitores (LEONEL, 2010) – reforçando a capacidade de expansão da mensagem através de um ganho simbólico das possibilidades argumentativas, que os membros das comunidades protestantes possam demonstrar, ancorados numa racionalidade histórica e sociologicamente demonstrável, face às risíveis investidas de outros protagonistas da mudança social.

O livro, o folheto, a imprensa difundem-se, quer como possibilidade de “[...] descobrir regiões e mundos diferentes” quer como que significando uma “comunhão espiritual.” (DIAS, 1893, p. 52). Na união desses grupos de crentes se valoriza, explicitamente, um fundo comum (um patrimônio) que é declaradamente - podemos assim dizer - um significativo civilizacional incontornável, a busca do resgate de uma memória de afirmação e luta contra símbolos e hierarquia tão arraigados em Roma. Para além disso, afirma-se como um meio poderoso de luta contra a superstição, a credence, a corrupção e a ignorância. Contra o mundano e o superficial, surge, de forma alternativa – e necessária - uma literatura popular, de matriz evangélica, mas educativa e histórica.

Procuraram os protestantes, desse modo, instituir e legitimar a leitura, como componente integral do seu projeto social, com base numa proposta editorial estruturada em torno da Bíblia, na versão integral, ou através do Novo Testamento, bem como em *porções* (evangelhos avulsos); de textos de doutrina formal e especificamente litúrgicos, como livros de oração e liturgia, hinários, catecismos e outros; de “livros de recreio e amena leitura.” (CATALOGO GENERAL..., s.d.), compreendendo novelas populares, contos, historietas de fundo religioso ou moral, teatro e poesia; de estudos bíblicos e de edificação, críticos e de controvérsia, questões sociais, história e biografia; de livros e periódicos para crianças, livros de escola e impressos avulsos como desenhos, cromos, gravuras, postais ilustrados etc.

É nesse contexto que se insere a *Livraria Evangélica*, expoente e protagonista da difusão dessa cultura protestante em solo português, quer na renovação literária, quer na reivindicação cristã.

A *Livraria* era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos, que iniciou suas atividades ainda no século XIX e, em 1913, separou-se da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira - estabelecida em Portugal desde 1864. À Sociedade Bíblica coube prosseguir na difusão da Bíblia, Testamentos e Porções, pela intensificação da ação de colportores; à *Livraria*, por seu turno, incidir na vertente editorial levada a cabo até 1935.

Em poucos anos de atividade, já contabilizava 40 títulos publicados, em 1878, dentre os quais, folhetos evangélicos (apologética e controvérsia), novelas históricas e *ilustrações de grandes fatos da alma*, além de alguns livros que, primeiramente, foram publicados no sistema de folhetim nos jornais confessionais - fato este que mostra a constante intersecção dos escritos. A própria imprensa protestante servia como divulgadora dos títulos publicados pela Livraria. Algumas publicações correspondiam às grandes referências nos circuitos evangélicos europeus, a saber: as obras de John Bunyan – *O Peregrino*, que foi traduzido na primeira edição por R. R. Kalley (e nas edições posteriores pelo Major Santos Ferreira), e *A Peregrina*, que surgiu na tradução de Alfredo H. da Silva; as obras da escritora inglesa,

lançada por Charles Dickens, Hesba Stretton, com os livros *A primeira oração de Jéssica*, Miguel Ivanoff ou *Os Mártires da Rússia*; além de obras de Amy le Feuve, de Emma Leslie, de C. H. Collette, de J. W. Webb, entre outros.

Um dos grandes êxitos foi, sem dúvida, a publicação da obra de Émile Laveleye, *O Futuro dos Povos Católicos Estudo de Economia Social*, reeditada várias vezes e que era, de acordo com o periódico *O Mensageiro*, “[...] um estudo [...] atual, sugestivo e [...] flagrante[...]. Entre os crentes o seu efeito foi seguro e entre os estranhos não se nos afigura facilmente o benefício enorme de sua difusão.” (*O Mensageiro*, n. 71, p. 2, out. 1921). A recepção que a citada obra teve em solo português pode ser verificada pela quantidade de edições que alcançou - 7, em menos de 40 anos, até meados de 1911 (*O MENSAGEIRO*, 1921).

Mesmo contando com obras de grande vulto internacional, traduzidas para o português, o Catálogo da *Livraria* era bastante diversificado. Compunha-se de biografias, obras famosas ou de referência, *novelas para senhoras*, quadros parietais e - as sempre presente - obras de polêmica. Contava, ainda, com textos mais suaves, narrativas para crianças e jovens, testemunhos, e obras de caráter histórico. Publicava, também, temas educativos, teológicos, e de escotismo, como sinal evidente de um acompanhamento das necessidades da comunidade evangélica, refletida nomeadamente na produção destinada às Escolas Dominicais, mas, por outro lado, demonstrava uma sensibilidade para as questões que contornam a identidade plural do protestantismo.

Outro destaque editorial foi a publicação da revista *O Amigo da Infância* (1874-1940), “[...] difusor de muitos dos temas que perpassam pelas propostas evangélicas [...]” (AFONSO, 2009, p. 156). A perpetuação da publicação por mais de 60 anos é uma demonstração de que o grupo social que a editava – os protestantes – detinha “[...] uma articulação entre as componentes instrutiva, científica, [...] religiosa e educação moral que procurava socializar o saber moralizando a comunidade.” (AFONSO, 2009, p. 156).

A diversidade de títulos, temas e assuntos editados, até a década de 1930, pela Livraria Evangélica são expressos, em linhas gerais, da seguinte forma: aproximadamente 70% dos títulos eram traduções e 30% escritos em língua portuguesa (17% correspondiam a autores portugueses e 13% são a autores brasileiros). No que se refere às categorias editoriais (TOURN; PAPINI, 2005), 17% eram obras apologéticas; 16% obras de polêmica; as questões teológicas representam 12%; 11% dos títulos eram obras de caráter histórico; as narrativas para jovens e crianças (incluindo *O Amigo da Infância*) ocupavam 9%; a chancela *argumentos* (na qual se abordavam questões acerca/contra o romanismo, o ateísmo, o materialismo, o espiritismo, a ciência, a união dos protestantes e problemas de Portugal) correspondiam a 8%; os testemunhos e autobiografias

situavam-se nos 3%; os temas educativos estavam nos 7%; as narrativas e poesias para adultos ocupavam 6%; as questões das Escolas Dominicais (formação dos professores, organização, direção e classes, incluindo a edição da Revista para as Escolas Dominicais, da responsabilidade do Conselho de Educação Religiosa da Confederação Evangélica do Brasil) representavam cerca de 3%. Por fim, o escotismo ocupava 2%.

Ao pretendermos dar uma panorâmica da cultura protestante, ponderamos que não se pode olvidar os requisitos editoriais que ajudam a legitimar um conjunto de obras relevantes, forjadoras do pensamento protestante, principalmente, no seu núcleo histórico e doutrinal, mas passando, sem dúvida, pela experiência educativa, catequética.

Mesmo sendo um espaço editorial em solo português, a referida Livraria também publicava obras brasileiras. Sendo assim, passaremos a analisar outra obra de relevância no contexto protestante luso-brasileiro: *A Alegria da Casa*, de Sarah R. Kalley, editada no Brasil, em 1866, mas com edições posteriores também em terras lusitanas, como já apontamos anteriormente.

### *Sobre terra ou mar: analisando a circulação e apropriação do livro A Alegria da Casa, de Sarah P. Kalley*

O livro *A Alegria da Casa*, publicado inicialmente em 1866, no Rio de Janeiro, foi escrito pela missionária congregacional Sarah Pouthon Kalley, que chegou à capital do Império brasileiro em 1855, juntamente com o seu esposo, pastor e médico, Robert Reid Kalley. Em solo português, também teve várias edições. No site da Biblioteca Nacional de Portugal, consta a 8.<sup>a</sup> e a 11.<sup>a</sup> edições (datada de 1912 e 1926, respectivamente)<sup>5</sup>. Além disso, o livro publicado no Rio de Janeiro foi distribuído na Ilha da Madeira, em Trinidad & Tobago e Illinois, o que demonstra a uma ampla circulação, leitura e recepção desse discurso, tanto no Brasil quanto em outros países.

Robert e Sarah vieram ao Brasil em missão protestante, mas evangelizaram de diversas formas, através de discursos variados, marcando o cotidiano pelas prédicas sobre cura, higiene, cuidados, afazeres domésticos, princípios morais e impressos dos mais distintos, dentre os quais, hinos, sermões e livros. Destacamos, então, o manual de civilidade denominado *A Alegria da Casa*, um pequeno livro,

---

5 Em ambos os casos o título do livro consta como *A ALEGRIA DA CASA OU RAIOS DE LUZ SOBRE A VIDA FAMILIAR*/ SARAH P. HALLEY; IL. DE ALFREDO MORAES. Lisboa : Livr. Evangélica (1912; 1926).

mas, sem dúvida, um rico texto, um arquivo gramaticalmente esculpido pelo punho feminino, uma função não muito bem vista naquele contexto. Nessa obra, a autora imprimiu traços do século XIX, marcas do seu tempo e de outras estações. Representou o homem ao escrever sobre a mulher. Lembrou dos vivos - sem esquecer dos mortos -, das bactérias, dos miasmas, da doença, do gênero feminino, da educação doméstica, das noções de educação e de pedagogia fincadas na Modernidade e nos ideais Iluministas, cujo objetivo era “[...] transmitir o conhecimento científico”, formar “um ser humano supostamente racional e autônomo”, “soberanamente no controle de suas ações.” (SILVA, 2002, p. 113).

*A Alegria da Casa* é um livro-texto que, assim como a pedra das casas e das calçadas, o tecido das lojas e dos armazéns, o receituário médico, as cartilhas de alfabetização e de leitura, forneceu suporte no qual a escritora inscreveu o cotidiano das mulheres do seu tempo em suas relações com os homens, com os filhos, com a sociedade e com a leitura. Livro-texto que lutou contra a fatalidade da perda e se tornou arquivo, fato tão relevante para historiadores. A pena, como um estilete metálico, foi utilizada por Sarah para compor memórias, para talhar nas páginas em branco as regras do *bom viver*, do *fino trato*, da mulher galante que sabe se vestir, se comportar, se materializar em forma de mãe e de esposa.

Pena-estilete que desenhou cenários, que traçou as habilidades de uma *boa dona de casa*. Nas noites e nos dias quentes do Rio de Janeiro Imperial, a pena e o tinteiro foram testemunhas das conversas que Sarah mantinha com os papéis em branco, que se converteram em letras, em palavras, em frases, em parágrafos, em capítulos, na *alegria da casa*. Conversas que foram traduzidas em criações poéticas, normas médicas, ordens familiares, rimas femininas, ritos cotidianos e que passaram a ser lidos e recepcionados no Brasil e em Portugal. Diálogos sobre as superstições curativas, narrativas contra o charlatanismo, receituário contra as mazelas que atacam a população pobre e rica deste país tropical, incluindo, também, rabiscos e desenhos, presentes nesse discurso verbo-visual.

Pena-estilete que cortou as grossas fronteiras de gênero, que delimitavam a escrita feminina a um lugar marginal, inferior, secundário; que circunscrevia os manuais de bom-tom para os grandes nomes. Sarah corta, recorta, tricota a própria geografia feminina e desenha novas possibilidades para a mulher, elaborando discursivamente novos valores culturais, (re)definindo os papéis femininos, discutindo os espaços, tentando desconstruir paradigmas existentes na sociedade brasileira que impunham à mulher um papel fixo, imutável, rígido. O texto de Sarah, “[...] além de criticar a cultura dominante, apresenta, de forma pioneira no Brasil, um novo modelo firmado na ética protestante de raiz puritana.” (CARDOSO, 2005, p.16).

Pena-pincel que, de uma maneira poética, pintou e historicizou o corpo feminino, inscreveu-o na história, nos espaços, nos espaços da história do século XIX. Com arte, foi sensível à história da docilidade, do carinho, da esperança, do recato de mulheres que amam seus maridos, seus filhos, sua casa. Pincel que deu colorido às casas preto-e-branco, cheia dos projetos e sonhos que cercavam as mulheres. É necessário ter estética para narrar nas páginas da história o sentido e alegria que têm a repetição diária dos afazeres domésticos. É preciso poesia para enxergar na água e no sabão *a alegria da casa*.

No contexto da segunda metade dos Oitocentos, busca-se uma transformação nas cidades, uma espécie de *quebra* com o que era colonial para a (re)construção do novo, do moderno, do progresso. É o momento, também, que a capital do Império brasileiro, o Rio de Janeiro, recebe uma leva de imigrantes com um objetivo comum e sistematizado: divulgar os ideais protestantes (de bases americanas e europeias).

A educação dos sentidos e o cuidado com o corpo urbano e com sua fisiologia através da mudança de um comportamento sanitário almejava, por parte das autoridades públicas, muito mais do que a interdição compulsória dos ‘maus costumes’. Desejava-se a produção de dispositivos pedagógicos que possibilitassem uma nova leitura sobre si mesmo, levando os membros da família a constituírem uma hermenêutica de si, prestando atenção ao seu corpo, cultivando um jeito de assear-se, um modo de viver, produzindo-se e conhecendo-se como sujeito saudável. [...] o sujeito vai eliminando os seus ‘defeitos’ e adquirindo a instrução e a educação que os novos tempos exigem [...]. (BURITI, 2011, p. 23).

Para tanto, o corpo individual e corpo social se agregam em nome da saúde da família e da nação. Era preciso se preocupar com as enfermidades infectocontagiosas. Entra em ação a pedagogia da higiene, adentrando a arquitetura familiar e contribuindo para a criação dos estereótipos da *boa* e da *má* dona-de-casa. A imagem daquela é representada como forte, trabalhadora, corajosa, asseada, econômica. Estava sempre a realizar tarefas, a limpar a cozinha, a casa, engomar a roupa, bordar, costurar, cerzir; a cuidar dos filhos, do marido, preocupando-se com todos os recônditos do mundo feminino. Essa tônica será reforçada nos impressos.

No que se refere à desinfecção da casa, Sarah Kalley confere-lhe um status religioso. O Capítulo I do livro em tela é dedicado a esse tema. Compara as vidraças limpas ao céu, ao afirmar que elas “[...] são para uma casa o que o

céu claro é para o mundo; e é importantíssimo conservá-las assim, não somente para maior glória aos moradores, como também para benefícios de sua saúde.” (KALLEY, 2005, p. 80).

Sua narrativa é contundente quando alega que se a cozinha está aseada é sinal de que o restante da casa também está. Nas suas palavras: “O lugar onde toda a comida da família é preparada deve andar bem arejado e limpo.” “A cozinha é como a raiz de toda casa; por isso é preciso tratar dela antes de tocar nos quartos e na sala.” (Idem, p. 72).

Outro exemplo disso é o cuidado com a sala de jantar que, de acordo com Sarah Kalley, deveria “[...] ser bem arejada, mas (principalmente no tempo de verão) é bom conservá-la muito sombria, por causa das moscas, às quais a escuridão afugenta, e que causam tão grande incômodo nas horas de comer.” (Ibidem, p.78).

A sala de visitas, como um documento de identidade feminina, era um discurso que falava sobre que perfil de mulher a governava. Era o cartão de visita e, como tal, deveria ser livre de toda poeira,

[...] lavada uma vez por semana, espanando-se primeiramente as paredes e o teto, tornando-a ‘[...] sempre agradável e saudável’, pois consistia em um local de vivências: Na sala de visita, como na sala de jantar, como em todos os outros lugares e aposentos de uma casa bem governada, a coisa principal é o asseio, pois isto não confere somente um ar de agradável conforto à morada, [...] como uma boa ideia do morador. (KALLEY, 2005, p. 78, 81).

Os quartos eram, também, um espaço no qual se deveria ter uma atenção especial. Naquele contexto, havia críticas devido à pequenez dos mesmos, a falta de janelas e de luz, etc. Sarah censura este aspecto nas moradias:

Triste coisa é que na maior parte das moradas não se achem quartos de dormir, propriamente ditos, mas somente alcovas sepultadas no interior das casas, sem janelas, e em geral tão estreitas, e de tão mesquinhas dimensões que, uma vez cerradas as portas, mal podem os desgraçados habitantes tomar fôlego. (KALLEY, 2005, p. 75).

A crítica exposta pela autora denota uma necessidade de se alterar a estrutura dessas casas, no lastro do que propunha o higienismo, a fim de que pudesse haver mais saúde nas famílias (FREYRE, 1996).

Como sugestão para tentar diminuir os problemas devido à arquitetura das casas coloniais brasileiras, sugere uma limpeza cuidadosa dos aposentos. O quarto deveria ser varrido e depois disso “[...] todos os seus móveis devem ser bem limpos da poeira, e será bom aqui lembrar que o bater em qualquer objeto, com um espanador ou com um pano, só faz com que a poeira voe de um lugar para outro.” E completa a orientação sobre esse cômodo dizendo que: “[...] uma vez por semana deve ser lavado com água e sabão. [...] com pouca água em um balde [...] qualquer pessoa pode lavar um quarto.” (KALLEY, 2005, p.76-77).

Por fim, verificamos um cuidado designado à parte externa da casa, porém não menos importante. O asseio da *frontaria* é visto como uma representação do bom asseio dos seus moradores, já que é a primeira *informação* que se tem sobre eles. “A soleira e o limiar da porta devem ser cuidadosamente varridos todos os dias de serviço, e lavados uma ou mais vezes na semana. Em igual asseio e limpeza deve cada um trazer sua testada, bem como o pátio, se o tem.” (Idem, p. 81).

Na narrativa *kalleyana* há uma *geografia* do espaço doméstico. Na cozinha, as mulheres acendem e apagam o fogo, preparam o alimento e vigiam as panelas, enxugam louças e espantam moscas. Limpam diariamente o ambiente e com movimentos precisos e cuidadosos. Na sala, tiram o pó, organizam as estantes e os armários, limpam os assentos; nos quartos, lavam uma vez por semana, conservam limpos; na parte externa e no pátio, cuidam para que o asseio também esteja presente. Sobre a educação da prole nesse contexto, é interessante notar que, “[...] as ordens e rotinas familiares funcionavam como dispositivos pedagógicos, como espaços educativos de transmissão de saberes e de funções [...]. Na arquitetura doméstica, aprendia-se olhando a mãe fazendo, dando ordens, governando.” (BURITI, 2011, p. 27).

Podemos inferir, assim, que a casa possuía ordenamentos como uma escola, com um *currículo* e um *modus operandi*. O exemplo era o grande diferencial nessa proposta.

É preciso ressaltar, no entanto, a dimensão que o livro propõe para esse cuidado com o lar. Ser uma boa administradora deste, mantê-lo aseado, dedicar-se com amor era mais do que simplesmente executar tarefas banais e rotineiras: estava nas mãos da mulher a responsabilidade da saúde e felicidade dos membros da casa. Ou seja, traz uma perspectiva de importância para o elemento feminino no ritmo do cotidiano, uma dinâmica de administração para o espaço privado.

Podemos afirmar, assim, que o livro *A Alegria da Casa* certamente teve uma intensa utilização no final do século XIX, não apenas na Igreja Evangélica Fluminense, *lôcus* da atuação dos Kalley, mas também no cotidiano escolar de alunos e alunas, professores e professoras, como um manual de *boas maneiras*, um código de bom-tom para quem realizava uma contínua leitura de seus capítulos.

É interessante refletir, também, sobre a função que esta atividade cumpria no seio da medicina, como um canal de divulgação da educação sanitária, da limpeza do corpo e da casa. As leitoras (e prováveis leitores) do referido livro reconstruíam o texto e lhe outorgavam significados diferentes daqueles construídos por Sarah Kalley que, com suas próprias palavras, procura dar conselhos e respostas imediatas às mães e mulheres, às noivas, às filhas. Desta forma, o leitor se apropria do texto e o transforma em uma ferramenta de instrução, de educação, excedendo às intenções do autor e tornando-se, talvez, *a alegria da casa*.

O fato de ter sido publicado no Brasil e em Portugal (e aqui, segundo se sabe, com várias edições, até meados da década de 1920) permite que se reflita acerca da circularidade dessa obra.

A imprensa, como já citamos anteriormente, teve uma fundamental participação na proposta evangelística protestante. Além do seu caráter educativo (por meios dos próprios textos que nela circulavam, como veremos a seguir), também ajudava na divulgação dos livros, pois normalmente possuía colunas nas quais divulgavam essas obras (legitimando sua leitura).

*A Alegria da Casa* era um dos livros constantemente referendados na imprensa confessional brasileira, o que nos leva a compreender, mais uma vez, a relação intrínseca entre os impressos e a circularidade alcançada pelos mesmos.

## Lendo homens, interpretando mulheres: uma análise dos estereótipos femininos na imprensa confessional protestante

Já vimos que os mais importantes reformadores protestantes ajudaram a disseminar a leitura e, conseqüentemente, foram influentes na criação de escolas para que os fiéis pudessem ler e colocar em prática o princípio da *livre interpretação das Escrituras*. Dessa forma, a *palavra impressa* foi uma das muitas estratégias utilizadas pelos grupos reformados.

Segundo Nascimento (2008, p. 5), “A cultura protestante é uma cultura da Palavra Sagrada, [...] [os protestantes] fizeram circular idéias, dogmas, preceitos, normas, valores, enfim, um ideal de civilização cristã [...]”.

Os impressos de um modo geral foram utilizados nessa empreitada, como já vimos com as propostas de editoração (*Livraria Evangélica*) e circulação (o livro *A Alegria da Casa*). Nesse momento verificamos o papel da imprensa, compreendendo o jornal como espaço educativo, formador de indivíduos, forjador de comportamentos adequados – e repelidos.

Dessa forma, refletimos acerca do permitido/negado ao elemento feminino através do escrito masculino. O grupo social investigado foi o presbiteriano,

devido à intensa atividade jornalística desempenhada em solo brasileiro. Esse grupo social instalou-se no Brasil em 12 de agosto 1859, com a chegada à capital do Império do missionário Ashbel Green Simonton.

É notória sua vinculação com os impressos e mais de perto com a imprensa. Menos de cinco anos após a sua instalação no país, criaram o primeiro periódico protestante do Brasil, em língua portuguesa, *Imprensa Evangélica*, que circulou de 1864 a 1892 de acordo com Matos (2007).

O pioneiro presbiteriano, em 1867, (três anos após ajudar na fundação da *Imprensa Evangélica*) declarou: “Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia.” (SIMONTON, A. G. s/d apud MATOS, 2007, p. 51).

Por isso o jornal que recebeu um olhar mais atento nessa pesquisa foi o *Norte Evangélico*, um periódico vinculado ao presbiterianismo brasileiro, de influência norte-americana. Seu início é registrado em 1909<sup>6</sup>, mas, na verdade, substituiu outro jornal, *O Século*, editado a partir de 1893 em Natal/RN. Por questões diversas – que não nos compete elucidar aqui – houve a substituição tanto da publicação (alterando o nome), quanto do local de publicação que passou a ser Garanhuns e depois Recife, ambas cidades no estado de Pernambuco. As edições analisadas foram as dos anos de 1921, 1923, 1926 e 1927.

Para se estabelecer como uma alternativa à educação levada à cabo naquele contexto, o referido jornal critica a educação católica, e exalta a protestante:

A ação católica no Brasil, como em toda parte do mundo, tem sido inteiramente falha na educação popular, ocupando-se exclusivamente das classes superiores. E na luta conta o analfabetismo em todos os estados do Brasil, é preciso por em ação todas as forças sociais. [...] O povo brasileiro é, entre os povos de origem europeia, o mais ignorante de todos, [...] O catolicismo tem, além disso, uma grande falta a reparar em matéria de ensino. O catolicismo é um fenômeno paralelo ao analfabetismo. (NORTE EVANGÉLICO, 27 maio 1921, p. 3).

---

6 Corroborando com a ideia de confluência, permuta, circulação dos impressos entre Brasil e Portugal, o jornal *O Mensageiro* informa em 1910: “Entrou no segundo ano de existencia o excelente órgão presbiteriano de Garanhuns, Norte Evangélico.” (O MENSAGEIRO, n. 58, jun. de 1910, p. 3).

Segundo o autor, em outra parte do artigo supracitado, nos anos iniciais da década de 1920, no Brasil e em Portugal, o percentual de analfabetos entre os católicos atingia cerca de 80% e 70%, respectivamente. Em contrapartida, entre os protestantes esse número era reduzido para 10%. Tratou-se de uma estratégia vulgarmente usada para elevar o *status* da educação levada a cabo pelos protestantes vindos, em sua maioria, dos Estados Unidos da América.

No que tange à educação feminina em si, em outra edição do periódico citado, lê-se: “Um corpo docente composto em quase toda sua totalidade de moças [...] educadas em várias universidades americanas [...] adota os melhores método de ensino conhecidos.” (NORTE EVANGÉLICO, 21 out. 1921, p. 10).

Muitos eram os apelos acerca dos comportamentos a serem seguidos ou desprezados pelas mulheres. Em sua grande maioria, tratava-se de discursos, falas masculinas. Como exemplo, um artigo deixa entrever que novos anseios estão atraindo as mulheres:

[...] a missão da mulher se me afigura mais bela no lar, na escola e na igreja, quando a ideia geralmente aceita é que ela na sociedade, em todos os misteres da vida, deve ser tal qual o homem. [...]. A escola e a igreja são um complemento do lar. Nesta e naquela aperfeiçoa o homem os conhecimentos que adquiriu no lar e entra para a sociedade capaz de se opor aos tremendos vagalhões que encontramos na derrota através do mar da vida. (NORTE EVANGÉLICO, 12 abr. 1921, p. 5).

O autor deixa claro que a missão da mulher é ser esposa, mãe e professora, em contraponto com o que ele chama de *ideia geralmente aceita*, na qual a mulher ocuparia espaços similares aos homens.

A *modernidade* louvada por uns e desaprovada por outros, continha os apelo da *moda*, como se pode observar abaixo, em outra edição do mesmo jornal:

[...] A moda atual não é outra coisa se não a ostentação da carne na exibição das formas corporais das meninas, moças [...] As saias estão de tal maneira encurtadas e as blusas tão decotadas que os próprios incrédulos [...] estão protestando contra semelhante costume. Mães desnaturadas existem que se esforçam para matar o pudor das suas filhinhas, [...] lembrem-se essas mães, que elas responderão pelo futuro daqueles entes cujos pés estão colocando no caminho da perdição. [...] (NORTE EVANGÉLICO, 25 mar. 1923, p. 12).

Tratava-se de uma série de artigos intitulada *Males a combater*. O título do artigo em tela (*Mães! Pesai vossa responsabilidade*), era sugestivo. Um dos *Males a combater* era, justamente, a acentuada *degeneração dos costumes*. E uma das maiores aliadas nesse processo era a genitora, reforçando a ideia do papel fundamental da mãe – e da responsabilidade! – na criação das filhas.

O *Norte Evangélico* também continua com a crítica à moda, em uma edição posterior:

Monstro voraz e hiante, tragador de pecúlios, de fortunas, de honras e reputações, a Moda – flagelo universal, insinuando-se nos lares, profanando as alcovas virgens, ultrajando os cabelos brancos, acabará por estabelecer um carnaval perpétuo onde o lúbrico olhar dos libertinos saciará a sua concupiscência sobre o colo nu das mulheres impudicas que, desavergonhadamente, sem respeito à religião, à família ou à própria sociedade vão todos os dias decotando mais os lúcidos vestidos, excluindo as mangas, levantando a saia à altura do jarrete [...]. (NORTE EVANGÉLICO, 2 de jan. 1926, p. 3).

Ao trazer o verbete *Moda* com letra maiúscula, o texto sugere um destaque ao termo. No decorrer do texto, percebe-se que o termo *moda* alcança um patamar de personificação. É como se fosse um ser com vida própria que invade todos os espaços sem permitir resistência por parte daqueles e daquelas que são seduzidas. Em continuação, o texto sugere a permanência dos lugares até então dispostos para o elemento feminino:

Talhada para a nobre missão de esposa e mãe, para exemplo de virtude e pudor, é uma vergonha que a mulher hodierna esqueça rapidamente tão alto mister para entregar-se ao capricho satânico de algumas modistas de Paris ou, desprezando o natural recato, lançar-se ao redemoinho erótico de um tango, entre braços lascivos. [...]. A degradante Megera – a corruptora Moda tem um tal poder fascinador que chega a insensibilizar suas vítimas dominando-as a ponto de torná-las vis e miseráveis escravas. [...] Os trajes de banho são uma vergonha, os figurinos um escândalo, [...]. Cumpram as mães de família o seu dever, afastando do mundo pervertido suas filhinhas [...] se querem ser felizes nesta e na outra vida. (NORTE EVANGÉLICO, idem).

Nesta última parte do artigo, o sentido personificado da moda ganha contornos ainda mais acentuados, evidenciando que as pessoas atraídas pela *degradante Megera* muitas vezes não conseguiam se libertar, pois ela [a moda] teria “[...] um tal poder fascinador que chega a insensibilizar suas vítimas dominando-as a ponto de torná-las vis e miseráveis escravas.” (NORTE EVANGÉLICO, *idem*).

Por fim, o *Norte Evangélico* nos brinda com o seguinte relato acerca da *Mulher perfeita*:

É difícil [...] achar-se uma mulher perfeita [...] e por isso é inestimável seu preço. A perfeição da mulher cresce com ela desde os primeiros anos da sua vida, como filha, no lar: e o seu sustentáculo é Cristo. Eis a mulher cristã. [...] A mulher perfeita é profundamente humilde, mansa e paciente; o seu pensamento é puro e o seu olhar modesto e pudico. O seu verdadeiro gozo está no céu: e ela se adorna e se aparelha para o gozo deste tesouro, amoldando a sua vida na santidade [...].(NORTE EVANGÉLICO, 5 mar., 1927).

A perpetuação do estereótipo da *mulher perfeita* tacitamente sugere que ela não seja dotada das mesmas qualidades e defeitos dos homens. O conceito subjacente é de quase uma sublimação das necessidades físicas, emocionais etc. Ela é apresentada como um ser *quase divino*, desprovida de sentimentos negativos, mesquinhos e pecaminosos.

Se a imprensa é usada para se fazer uma reflexão acerca da mulher perfeita, é passível sugerir que as mulheres busquem alcançar esse modelo.

Os jornais confessionais expuseram argumentos que, a nosso ver, ajudaram a forjar comportamentos, em especial aqueles relacionados ao elemento feminino. Esta formação transcendeu o lar (espaço por excelência compreendido como lócus feminino) e a igreja (onde se constituía a moral cristã do indivíduo): forjou-se, também, nos impressos. *Educar o estar no mundo* das mulheres passaria pelo aspecto formal, escolar, mas também, sem dúvida, pelos periódicos confessionais que circulavam nos meios protestantes.

As informações contidas na imprensa ajudou-nos a identificar possibilidades para este grupo que, historicamente, tem sido relegado a um papel de coadjuvante na história. Mesmo verificando que no jornal pesquisado havia uma permanência de estereótipos, é possível *ler nas entrelinhas* que este grupo social estava *presente* - pois havia demanda, necessidade de circunscrever, ditar regras de comportamento para elas - recebendo educação (pois para ter acesso à leitura era preciso passar pela formação escolar) e, também, transgredindo as normas estabelecidas.

## Considerações finais

A pesquisa apresentada, inserida no contexto luso-brasileiro, na transição do século XIX para o XX, buscou refletir acerca da importância da editoração, circulação e apropriação dos impressos protestantes pensados como um dos eixos para a forja de uma cultura particular do grupo social que os divulgava. Para tanto, essa pesquisa se balizou em três eixos principais: análise das propostas editoriais em Portugal, no que tange ao Catálogo da Livraria Evangélica – vinculada desde sua fundação, ainda no século XIX, até 1913 à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira; sondou a participação feminina nesse contexto – a partir da apropriação/difusão de um livro-texto *A Alegria da Casa*, um manual de *civilidade* escrito por Sarah Kalley, com primeira edição em 1866, no Rio de Janeiro, mas editado, até meados do século XX, inclusive em Portugal, pela referida *Livraria*; e, por fim, questionou a forja de comportamentos adequados – ou não – divulgados por meio da imprensa confessional brasileira, expressados no jornal *Norte Evangélico* (Órgão Evangélico Presbiteriano). Este periódico foi uma continuação de outro – *O Século* - editado a partir de 1893, em Natal, no atual estado do Rio Grande do Norte.

A postura editorial protestante foi basicamente centrada em práticas de autoformação, que legitimavam, precisamente, um conjunto de rubricas principais – aquelas como a literatura, a biografia ou os argumentos – complementadas com uma substantiva expressão cultural – quebra ou manutenção de modelos, principalmente para o elemento feminino. É preciso ressaltar, no entanto, o cuidado para que os diálogos e as disputas fossem racionais e com argumentos bem fundamentados.

Através do quadro editorial apresentado, podemos inferir que as propostas confessionais protestantes configuravam objetivamente um conjunto de problemáticas que eram a marca da sua especificidade – indo desde o culto doméstico até à questão do domingo, desde o cuidado com a casa até ao vestuário feminino, passando pela Igreja de Roma até à centralidade da Bíblia, – e que nunca foram abandonadas, sendo sempre glosadas e declinadas na narrativa, na poesia, no ensaio, no estudo científico, nos periódicos etc.

Dessa forma, compreendemos que os impressos de um modo geral – livros, porções, opúsculos, jornais etc. – tiveram um papel central na difusão das ideias protestantes, de suas opções sociais e dos modos de estar e intervir no mundo. Sob estes aspectos, estabeleceram-se como um espaço educativo, não escolarizado, informal, mas de igual maneira relevante.

Os diálogos entre Portugal e Brasil, indicados no título dessa pesquisa, foram uma realidade, pois quando um periódico, livro ou algo do gênero era publicado em uma das costas, a outra seguramente participava do feito – recebendo a mesma publicação ou, ao menos, fazendo menção a ela. Não apenas uma língua comum nas duas margens do Atlântico: as especificidades protestantes também navegaram por esse mar.

## Referências

AFONSO, J. A. **Protestantismo e Educação**. História de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX. Braga: Universidade do Minho, 2009.

BAUBÉROT, J.; MATHIEU, S. **Religion, modernité et culture au Royaume-Uni et en France 1800-1914**. Paris: Seuil, 2002.

BURITI, I. “*A Alegria da Casa*”: escrituras femininas e sensibilidades médicas no segundo império nas narrativas de Sarah Kalley. In: FREITAS, A. M. G. B. de.; MOTTA, D. das G. (Org.). **Mulheres na História da Educação**: desafios, conquistas e resistências. São Luís: EDUFMA; UFPB: Café & Lápis, 2011. p. 17-42.

CARDOSO, Douglas Nassif. **O cotidiano feminino no Segundo Império**. São Bernardo do Campo: Edições do Autor, 2005.

**Catalogo General de las Obras Editadas por la Libreria Nacional y Etranjera** (s.d.). Madrid / Barcelona.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **La historia o la lectura del tiempo**. Barcelona: Gedisa, 2007.

DIAS, G. **Artigos, Discursos, Conferências**. Porto: Typ. Gutemberg, 1893.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Record, 1996.

KALLEY, Sarah. A alegria da casa. In: CARDOSO, Douglas Nassif. **O cotidiano feminino no Segundo Império**. São Bernardo do Campo: Edições do Autor, 2005.

LEONEL, J. **História da leitura e protestantismo brasileiro**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; Paulinas Editora, 2010.

MATOS, Alderi Souza. A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 12, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_XII\\_\\_2007\\_\\_2/alderi.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII__2007__2/alderi.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2007.

NASCIMENTO, Ester F. V. B. C. do. **A Escola Americana: origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: EDUFAL, 2007.

\_\_\_\_\_. Brasil e Portugal: circulação de impressos protestantes. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Cultura escolar, migrações e cidadania, 7., 2008, Porto. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 2008, p. 3-14.

SILVA, A. M.; AFONSO, J. A. Os Evangélicos – representações de Si e do Outro na literatura protestante. In: JORGE, V. O. ; MACEDO, J. M. C. (Org.). **Crenças, Religiões e Poderes**. Dos Indivíduos às Sociabilidades. Porto: Afrontamento, 2008. p. 235-267.

SILVA, Antonio Manuel S. P. Dos prelos como instrumento de missão. A «Boa Imprensa» e a imprensa protestante no ultimo quartel do séc. XIX. In: SILVA, A. M. ; DIAS, Jaime Amadeu. (Coord.). **Vila Nova de Gaia de há cem anos**. Gaia: Igreja Lusitana, 1995. p. 97-30.

\_\_\_\_\_. A Reforma: o primeiro jornal evangélico português. **Revista de Portugal**, Porto, n. 2, p. 269-282, 2005.

SILVA, Sandra C. da. **Educação de Papel: Impressos Protestante Educando Mulheres**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TOURN, S.; PAPINI, C. **Claudiana 1855-2005**. Catalogo storico. Torino: Claudiana, 2005.

VASCONCELOS, Micheline R. de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2010.

Recebimento em: 23/07/2012.

Accite em: 20/08/2012.